

Ana Santos, **Inter-Rail. A Odisseia em Comboio**, Oeiras, Celta/SEJ, col. «Estudos sobre Juventude», 4, 1999, 146 páginas.

É de *nomadismo contemporâneo* que fala este livro. Dessa deriva que, durante um mês, deixa em suspenso o sedentarismo da vida quotidiana e vem agitar a quietude das pendularidades diárias de alguns jovens. De um tempo de ruptura onde dominam os valores da errância, da descoberta, da aventura e da liberdade, mas que, simultaneamente, inaugura um novo ciclo de ritualidades com limites precisos e efémeros. Fala desse «símbolo emblemático do turismo juvenil» (p. 19), herdeiro «bem comportado» dessa outra mítica viagem que se fazia à boleia no decorrer dos anos 60 (p. 120). É do *inter-rail* que nos fala este livro.

Resultado do trabalho de pesquisa que conduziu à dissertação de licenciatura da autora, a obra distingue-se não apenas pela problemática que levanta, como pela originalidade da metodologia que apresenta no contexto da prática de investigação sociológica em Portugal.

Tal como é apresentada no primeiro capítulo do livro, a estratégia metodológica operacionalizada baseia-se, em grande medida, num trabalho de natureza etnográfica, onde conflui um conjunto de técnicas de recolha e de tratamento de materiais empíricos diversos: desde a análise das histórias de viagem obtidas através de entrevistas ou narradas em

diários e postais ilustrados enviados à família até à análise dos diversos conteúdos das mochilas dos viajantes, passando pela observação participante por parte da autora, que, por diversas vezes, pôs a mochila às costas e partiu à aventura.

Para além desse conjunto de material de natureza qualitativa, Ana Santos reuniu ainda alguma informação estatística sobre a população viajante de *inter-rail*, na tentativa de identificar alguns traços definidores do que designou de *propensão à viagem* (p. 30). Sistematizou algum material sociográfico produzido por fontes secundárias e, paralelamente, aplicou um inquérito por questionário a uma reduzida «amostra» de *inter-railers* portugueses ($n = 96$), informação a partir da qual tentou traçar o perfil sociográfico destes jovens no conjunto dos viajantes das restantes nacionalidades, em aspectos como o género, a idade, a escolaridade, a profissão, a origem social ou a zona geográfica de proveniência.

Distante das tradicionais etapas formalmente convencionadas nos manuais de metodologia em ciências sociais, o percurso de investigação deambulou com o próprio objecto. Desde a sua construção teórica e respectivo enquadramento até à escolha das referências analíticas mais apropriadas à compreensão do fenómeno, o processo de pesquisa foi decorrendo em sucessivos movimentos de aproximação e retorno, de definição e redefinição de trajecto.

Sem grandes hipóteses teóricas a testar, os caminhos empírico, refle-

xivo e bibliográfico foram-se traçando em paralelo em torno de questões como o significado da escolha do bilhete de *inter-rail* como forma de ocupação do tempo de férias de alguns jovens, o papel desta viagem na sua vida quotidiana e na construção da sua identidade social, de como as ordens do tempo e do espaço se transformam e se caracterizam no decorrer da viagem (p. 12).

A referência metafórico-conceptual central na sua abordagem, a autora foi encontrá-la numa obra clássica da literatura — a *Odisseia*. Esta permitiu-lhe, num primeiro momento, desconstruir alguns dos *paradoxos* identificados a partir do confronto entre a mitologia e a prática concreta do *inter-rail*, paradoxos esses que convergem na *singularidade* da experiência subjectivamente vivida pelo *inter-railer* vs. a *unidade* subjacente às referências na construção da identidade social deste viajante, ou seja, o conjunto das regularidades sociais e simbólicas que caracterizam o espaço e o tempo da viagem.

Daquela obra a autora extraiu a metáfora do *labirinto* para compreender como se constrói a singularidade da deambulação do *inter-railer* dentro do espaço finito de possibilidades concedidas pela própria rede ferroviária. Contudo, a configuração desta não assume a linearidade do labirinto de Ariana, mas a complexidade do «rizoma de Deleuze e Guatarri, com várias entradas e outras tantas saídas» (p. 14).

A unidade que pontua a viagem, por sua vez, a autora encontra-a no

que chama *dimensões da viagem*, construídas a partir da análise de conteúdo dos materiais discursivos recolhidos (pp. 18-20). Na sua análise convocou uma série de perspectivas teórico-metodológicas que confluem numa «sociologia do quotidiano», fazendo sobressair da informação empírica reunida elementos relativos à *previsibilidade*, *ciclicidade*, *regularidade* e *banalidade* das práticas e situações sociais que decorrem durante esse tempo extraordinário que, apesar de simbolicamente investido de um sentido de ruptura com o quotidiano anual, não deixa de ser pautado por uma determinada «normalidade» (pp. 17-18).

A partir daí, Ana Santos (des)constrói *quatro dimensões analíticas* para o *inter-rail*, as quais lhe servem de fio condutor da estrutura do livro, cabendo o desenvolvimento de cada uma das dimensões a cada um dos posteriores capítulos.

Nesta perspectiva, o segundo capítulo começa por abordar a *dimensão ritual* da viagem, que compreende as práticas antecipatórias associadas ao seu planeamento, as diferentes vivências dos corpos em movimento entre o espaço fechado do comboio e o espaço aberto dos locais que se visitam, bem como as ritualidades e as aprendizagens subjacentes a essas mesmas vivências.

Com perspicácia analítica, Ana Santos observa que a contagem do tempo começa antes do momento da partida, quando se iniciam os prepara-

rativos para enfrentar a viagem, processo que culmina no acto de «fazer a mochila» (p. 31). Pressupondo a centralidade deste objecto na *identificação* e *distinção* dos viajantes (p. 37), a autora analisa os seus conteúdos e respectivas formas de arrumação e utilização, chegando à conclusão de diferentes atitudes segundo o género e a existência de experiência anterior de *inter-rail*.

Por outro lado, os efeitos da relação próxima desse objecto com o corpo que o suporta são também identificados, quer na «sofisticação dos modelos recentes» das mochilas (p. 36), quer nas diferentes estratégias de gestão dos conteúdos da bagagem, distintas também segundo os atributos e a capacidade física dos corpos (dos) sujeitos.

Nas condições de movimentação dentro do labirinto, Ana Santos encontra o corpo, efectivamente, sujeito a um constante processo de socialização e de gestão dos seus usos e energias, destacando-se na sua habitual *ausência-presente* quotidiana. Usado e abusado, festejado e sacrificado, «o corpo desempenha um papel central no desenrolar de todo o processo ritualístico. Sujeito a um conjunto de aprendizagens, é nele que se vinca o tempo da viagem» (p. 125).

Novas regras relativas à intimidade, à higiene, à indumentária e à alimentação são estabelecidas, incorporadas e operacionalizadas logo a partir da primeira noite, no quadro das novas condições que definem o contexto da viagem: a proximidade

induzida pelo espaço exíguo dos comboios, a exposição do corpo desnudado em espaços de dormida e de higiene públicos e socialmente partilhados, o conforto e o pragmatismo exigido ao que se traz sobre o corpo, a cadência incerta dos ritmos diários, etc.

Todos estes factores conduzem à flexibilização, reelaboração ou mesmo inversão do quadro normativo que informa a *corporeidade* no tempo «ordinário» do quotidiano sedentário. No entanto, outros tipos de constrangimentos lhe pesarão: «O corpo liberto das restrições em busca da excitação, relaxado da moralidade dos comportamentos, livre de indumentárias convencionais, escapando a rituais rígidos e cerimoniais, que, se permite a extravagância de dormir não importa onde, de comer não importa como, de se lavar ou não, é também o corpo sacrificado à obrigação, alvo da austeridade e da disciplina da vida espartana» (p. 51).

O capítulo III reporta-se à *dimensão turística* da viagem, ou seja, aos tipos de itinerário e de itinerância percorridos no interior do labirinto. Quando a autora observa os planos de viagem dos *inter-railers*, encontra uma variedade de modalidades de organização dos itinerários, que vão desde o «vaguear» ao «tudo planear», desde os verdadeiros «papa-léguas» aos indivíduos cujos roteiros de viagem se (con)centram num único país (pp. 53-67). De qualquer forma, «enquanto itinerância, o labirinto é vivido de forma deambulante, sem a

noção de missão, de algo que se quer cumprir ou acabar» (p. 68). O que quer dizer que o *inter-rail* é formulado como projecto de cenário aberto, caracterizado por um certo nível de incerteza e de indeterminação, cujo trajecto depende quer dos sistemas de regulação moral e normativa do sujeito, quer dos sistemas de relações sociais que o enquadram.

Nas palavras de Ana Santos, «uma das singularidades do *inter-rail* traduz-se na possibilidade que é dada a cada viajante de construir o seu próprio itinerário [...] Deste modo, a uma tipologia de roteiros possível no espaço da rede ferroviária correspondem itinerários e itinerâncias que se consubstanciam em formas diferentes de vivência do labirinto» (p. 124).

Nesta óptica, com base nas atitudes perante o projecto de viagem (de natureza mais aventureira, formativa, cultural, observadora ou nómada e nas modalidades de apropriação material e simbólica dos equipamentos, das cidades e dos países percorridos (a forma de programação da viagem, os lugares mais procurados e as idealizações que deles se tem, o tipo de equipamentos visitados, etc.), a autora constrói e descreve vários tipos de itinerâncias associadas ao *inter-rail*: a itinerância *narcísica*, a itinerância de *formação pessoal*, a itinerância *romântica*, a itinerância *cosmopolita* e a itinerância *no gerúndio* (pp. 68-76).

No seguimento desta temática, o capítulo IV é dedicado à análise da *dimensão das trocas*, relativa aos as-

pectos simbólicos da vivência e apropriação dos diferentes labirintos construídos quer na rede ferroviária, quer dentro das cidades. Como se procede às trocas simbólicas entre as expectativas e idealizações prévias à escolha dos lugares a visitar e as concretizações das visitas, entre o imaginário projectado e a realidade vivida nos locais? Que efeitos essas trocas produzem quer ao nível das representações acerca dos povos visitados, quer ao nível da identidade social e pessoal do viajante? Qual o significado da chegada aos «lugares limite», esses locais tangentes às margens ainda coloridas do mapa ferroviário do *inter-rail*, como Navik ou Istambul?

Como é que os vários tipos de viajantes «flanam» por entre o labirinto das cidades que visitam? De que forma usam o *mapa*, esse instrumento central na orientação dos viajantes, definidor de fronteiras, de trajectos e de pontos de atracção, enquanto enunciado de «um conjunto de fios de Ariana que pretendem ser penhores de uma historicidade, impondo-se deste modo como condição de inteligibilidade, de leitura da movimentação no interior dessas cidades» (p. 125)? Que lógicas presidem à gestão dos equipamentos e locais a visitar, entre a cidade que se mostra e a cidade que é oculta (pelos mecanismos da indústria de turismo), entre a cidade que é procurada e a cidade que se evita (por parte do transeunte)?

Para além da análise do *espaço discrepante* em que o viajante se

move no exterior, a autora dedica ainda a sua atenção ao *espaço tubular* do comboio. Este espaço público «privatizado», «sem pátria» e «transfonteiriço», torna-se um espaço privilegiado de sociabilidade e de (re)socialização: «um microcosmos preenchido por nómadas de todas as nacionalidades, no qual a lógica de sociabilidade predominante é a da peregrinação, comunitária, igualitária e simbiótica. É também um espaço de aprendizagem relacional: ao mesmo tempo que se (re)socializam com os costumes das culturas a que os outros pertencem, (re)equacionam e resumem as suas ideias acerca da sua própria cultura» (p. 98).

Propício à proximidade física e social pela sua exiguidade e pelo tempo que nele se passa, no comboio vão trocar-se informações e impressões, objectos e contactos, promessas de amizade e outras formas de afectividade. Muitas vezes, por efeito de generalização, alguns elementos que caracterizam esse espaço passam a constituir referentes importantes na construção e/ou (re)avaliação da imagem do país percorrido, como o comportamento do revisor, o asseio, o conforto ou a pontualidade.

Finalmente, no último capítulo é apresentada a *dimensão memorial* da viagem, relativa aos *ritos de agregação e de lembrança* que ocorrem após o retorno. Reencontram-se familiares e amigos, sendo convocado todo um conjunto de material que evoca lugares e situações e que permite reconstruir e conservar a memória social e individual da viagem: bilhetes, vistos, carimbos no passaporte, fotografias, postais, agendas

de contactos, mas também as histórias, lembranças e episódios que se contam. Esta pletera de objectos e narrativas permite prolongar a viagem para além do seu fim: «O tempo da viagem morre no dia da viagem, mas deixa um legado, uma herança memorial proporcionada pelas aprendizagens labirínticas, virtualmente capazes de concorrer para a transformação do tecido social» (p. 124).

Esta acaba por ser a tese central de Ana Santos: a de que o *inter-rail* constitui um *ritual de passagem*, na medida em que o decorrer do processo de abandono, suspensão e retoma do quotidiano sedentário pressupõe um *estado liminar* donde, por força das experiências (re)socializadoras vividas, já não se regressa o mesmo (p. 110). Ao *inter-rail* é atribuído um poder *metamorfosador* das identidades social e individual dos viajantes, decorrente da densidade espaço-temporal que lhe é inerente e da intensidade fenomenológica com que é vivido.

Como um *momento extraordinário* — pela suspensão que promove na regularidade e banalidade da rotina de todos os dias, assim como pela introdução de uma nova ordem de temporalidade bastante mais flexível, marcada, não pela unidade semanal tradicional, mas pelo ciclo de visitação (p. 108) — onde se vive um *mundo fantástico* — associado à descoberta de novas realidades, à aventura e ao risco, à liberdade e autonomia, à inversão das aparências e dos quadros normativos que regulam algumas situações sociais, à intensificação do igualitarismo interclassista e das relações inter-

sexistas, onde a festividade se conjuga com o sacrifício, onde o ócio se combina com a formação.

Escrito numa linguagem clara e escorreita, cativante e acessível, muitas vezes de natureza mais etnográfica do que analítica, o livro reco-

menda--se vivamente não apenas à comunidade das ciências sociais, mas a todos os que, dentro e fora desta, planeiam a ousadia de percorrer a odisseia das ferrovias europeias.

VÍTOR SÉRGIO FERREIRA